



Lord Baden-Powell.

Um livro escrito pelo
Chefe Osvaldo Ferraz.

O ESTRANHO FUNERAL DO CHEFE GAFANHOTO.

Prefácio.



Nestes tempos ditos modernos, estamos cada vez mais distantes dos prazeres simples que o contato com a natureza nos proporciona. Aqui você vai encontrar um refúgio, um oásis de belas memórias escoteiras.

Palavras com cheiro de terra. Com gosto de água cristalina de riacho, bebida em caneca esmaltada. Que nos transportam para a beleza morna das manhãs de inverno no campo e noites iluminadas por milhões de

estrelas, ao redor de uma fogueira, junto a outros companheiros de aventuras escoteiras.

Histórias para ler descalço, sentindo a grama das pastagens, correnteza gelada de riacho passando pelos dedos. Com trilha sonora original de sabiás e bem-te-vis.

Cenários para a prática da amizade, solidariedade e espírito de equipe.

Chefe Osvaldo, escoteiro de alma e coração, será o seu guia neste universo de histórias inspiradas em uma vida inteira dedicada a manter acesa a chama do espírito aventureiro, sempre alerta as oportunidades de praticar o bem, evoluindo como ser humano e cidadão.

Deixo você agora com nosso querido chefe.

Mais uma aventura escoteira vai começar.

Ricardo Frugoli.



Para a minha querida neta Natália Cristina Ferraz Geraldeli dedico este livro. Leitora assídua das minhas obras tem a chave de tudo que escrevi se algum dia eu me for.

Meu agradecimento ao amigo Ricardo Frugoli por prefaciar o livro. Uma honra para mim.

Prólogo.



Meu terceiro livro é simples. Uma história de ficção possível de acontecer em qualquer cidade onde exista um Grupo Escoteiro. Acusar sem provas e pagar por algum que não cometeu temos centenas de exemplos. A história tem como personagem o Chefe Gafanhoto que por duas vezes apareceu em contos meus. Contada magistralmente pelo Velho Escoteiro, outra personagem que criei há muitos anos, tem a Vovó como sua companheira e um jovem Chefe Escoteiro seu ouvinte dedicado. Suas histórias estão a centenas no meu blog <http://chefeosvaldo.blogspot.com>.

Ao lerem as páginas verão que só no final toda a trama armada contra o Chefe Gafanhoto aparece graças a um grande detetive o Chefe Sênior Pascoal Raça Pura. Ele magistralmente rouba as cenas escritas pelo grande escritor Sir Arthur Ignatius Conan Doyle e as maravilhosas histórias de Sherlock Holmes.

Não esperem um grande conto, são apenas trinta e sete páginas. Ainda não sou um escritor emérito. Considero-me um aprendiz.

Obrigado por ler meu terceiro livro e olhe se ainda não leu os dois primeiros pode pedir em meu e-mail elioso@terra.com.br que enviarei com prazer.

“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”.

As esperanças são como as estrelas: brilham, mas não trazem luz; lindas, mas ninguém as alcança.

Coelho Neto

O estranho funeral do Chefe Gafanhoto.

Capítulo I

Não tinha passado bem nas últimas semanas. Dois dias sem trabalhar e ficar em casa não era meu hobby. Olhei pela janela o movimento da rua. Voltei à poltrona onde lia um livro e pensei, porque não visitar o meu amigo o Velho Escoteiro? Sua casa não era longe e eu pelo menos duas vezes por semana o visitava. Pensamento pensado pé na estrada e lá fui eu. Fui de carro. Mesmo perto não me sentia bem para andar. Na varanda ele estava lá com sua figura imponente. Eu gostava muito dele. Para mim era como se

fosse um pai que nunca tive. Lembro que um dia quase me atropelou e solicito desceu do carro e fez tudo para me levar ao hospital. Passou a me visitar em casa todos os dias para saber como eu estava. Ficamos amigos e logo começou a falar de escotismo seu tema favorito. Precisam conhecer sua esposa a quem carinhosamente chamam de Vovó. Adorável bem diferente dele que de vez em quando se mostrava ranzinza e esquizofrênico.

Eu tenho vinte e nove anos, casado e sem filhos. Sou Técnico Mecânico e trabalho em uma Empresa de Máquinas há quase dez anos. Minha esposa trabalha em outra só que de publicidade. Sempre nos vemos a noite, mas vivemos uma vida agradável e respeitosa. O dia estava quente e a tarde prometia um sol radiante ao entardecer. Sentamos ali mesmo na varanda e deu para regalar-me com uma bela melodia tocada em sua vitrola na sala de estar. Sempre fora assim, ele escolhia bem, pois nossos gostos eram iguais.

O Velho Escoteiro com seus oitenta e seis anos tinha uma figura imponente. Acampeei com ele algumas vezes e apesar da idade demonstrou ser bem melhor que muitos de nós chefes. A Vovó sua esposa chegou à porta me cumprimentando. Casal maravilhoso. Uma vida juntos. – O Velho Escoteiro me interrompeu. – Foi bom você chegar. Passei toda a manhã a me lembrar de meu primeiro Chefe de tropa que para mim foi tudo na vida. Acho que você vai gostar da história que vou contar. É um conto triste e que poderia ter tido um final feliz e não teve. Pelo menos eu tentei resgatar sua memória a sua honra, e isto só aconteceu porque me pus a campo e fui até sua cidade. Se não fosse isto ele hoje seria lembrando como um assassino, esturador e mau caráter, péssimo exemplo para um Chefe Escoteiro. Todos lhe voltaram às costas e até mesmo seus Escoteiros foram proibidos de falar sobre ele. Dizem que a verdade aparece quando resolvemos brigar por ela. – Me ajeitei melhor na cadeira de palhinha ali na varanda e aguicei minha mente. Estava pronta a receber do Velho Escoteiro mais um conto como outros tantos que ouvi dele. Sempre foram histórias maravilhosas. Ele Não jurava, nunca jurou, mas sempre me dizia que suas histórias nunca foram inventadas. Porque não acreditar? Um passado como o dele não havia como duvidar.

- O Velho Escoteiro se ajeitou, tentou lembrar-se dos velhos tempos quando ainda tinha seu cachimbo, me olhou, olhou para a rua e começou a narrar. - Os fatos estão vivos em minha mente até hoje. Para dizer a verdade para mim ele era e foi um segundo pai. Seu nome? Nunca soube. Seu apelido sim era chamado de Chefe Gafanhoto. Fui seu Escoteiro quando criança. Além de Chefe ele foi mais que um amigo. Nunca me esqueci dos tempos que vivemos juntos. Nunca. O Velho Escoteiro suspirou e começou a narrar como em sonhos, voltando no tempo e vivendo cada passo de tudo que aconteceu. Tempos passados, tempos que já se foram.

- Lá estava eu viajando para Pedra Azul. O Águia Prateado da Viação Cometa saiu pelo acostamento da BR 240 e entrou na estrada 56 estadual que me levaria ao meu destino. Consegui tirar um cochilo à noite, pois a longa viagem de mais de doze horas era muito cansativa. O ônibus estava vazio. Menos de vinte passageiros e pude ter maior mobilidade na minha poltrona. Não era um caminho novo, não era. O fiz por diversas vezes na juventude, mas quinze anos haviam-se passado desde a última vez que estive em

Pedra Azul. Era tempo demais. Em nossa vida muitas vezes temos certos caminhos que não tem volta. Impossível mudar. Depois de muitos anos voltamos ao passado e pensamos: Porque não mudamos? Como seria o hoje e o amanhã? Afinal eu tive uma vida em Pedra Azul onde nasci, onde fiz amigos e deixei tudo para trás indo embora com meu pai para a capital. Nova cidade novos amigos novos sonhos. Minha mãe faleceu e meu pai resolveu transferir sua empresa onde achava que poderia ter melhores oportunidades. Tinha de acompanhar o meu pai. Nunca mais voltei a Pedra Azul. Lembrei-me do que escreveu Charles Chaplin - A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.

Dizem que muitos fatos em nossas vidas acontecem sem ninguém esperar. A vida e a morte não tem hora e nem lugar para acontecer. Quando o sol se levanta a gente sabe que inexoravelmente ele vai se por em algum lugar do oeste. É sua sina. Minha mente embaralhava naquela viagem com perguntas e sabia que só ao chegar eu teria respostas. Precisava saber tudo o que ouve sobre a morte do meu Chefe e amigo. Continuava a dormir e minha mente viajava velozmente a lembrar-me de meus tempos de moleque. O ronronar do motor não me incomodava. Abri os olhos, olhei pelo vidro da janela e vi-me menino correndo pelas ruas de Pedra Azul. Folguedos, escola, escoteiros, e eu sempre garboso em meu uniforme, juramentado em minha consciência que seria amigo e irmãos de todos para sempre. Claro que na capital fui de novo Escoteiro. Novo grupo Novos amigos. Estudei, me formei, mas sempre a procura de aventuras, aprendizado e com isto angariei milhares de amigos. Naquela época todos já previam meu futuro. Meu pai se esforçou ao máximo para que me formasse em engenharia e ao morrer me deixou tudo que tinha. Eu e já estava noivo e meu casamento seria para breve. Lembro-me quando aconteceu, aa igreja cheia de Escoteiros, cantando e sorrindo e eu dizendo ao Monsenhor Gariosto que eu e ela seríamos felizes para sempre! Memórias lindas e tempos fantásticos. Como é bom e gostoso lembrar. - Fechei novamente os olhos e me vi junto a ele. Chefe Gafanhoto era único. Com seu sorriso, com seus olhos azuis seus cabelos loiros caindo na testa, sempre a mostrar uma força incrível um corpo magro, altura mediana e seu indefectível bigodinho aparado. Fechei os olhos novamente.

Ainda tinha pela frente mais duas horas naquela estrada secundaria. Velha conhecida. Quantas aventuras eu vivi ali. Cada trilha era conhecida com a palma da mão. Pela janela do ônibus os pensamentos me levavam ao passado, a correr com minha patrulha por cada córrego, por cada rio, por cada bosque e pensava – Quantas e quantas vezes eu acampeei e excursionei por estas plagas, por estas terras de fazendeiros amigos. Faz tempo, muito. Barracas armadas um fogo aceso, orgulho de ser um Falcão, caçando uma lebre para jantar ou um quati ou mesmo a jogar os jogos maravilhosos que o Chefe Gafanhoto inventava para nós. Tempo que passou e não volta mais. Como fui feliz ali junto a dezenas de amigos do colégio e do Grupo Escoteiro Sol Nascente. Foram fatos que ficaram gravados como doces momentos vividos na juventude. Muitas vezes ficamos tão fechados em nós mesmo que esquecemos que um dia alcançamos a felicidade e nem lembramos mais. Quem sabe bem mais que hoje. Antes uma preocupação de infância que não se compara em nenhum momento com as tristezas que hoje nos assolam. Mas calma meu amigo eu não sou assim tão triste. Quem sabe analisando melhor minha tristeza é nada, gota d'água minguando ao amanhecer em uma folha qualquer. Rotina inexorável do

dia a dia que não muda. Permanece como se fosse à pedra filosofal na minha estrada da vida.

- Enquanto ele narrava, eu olhava para o Velho Escoteiro como se estivesse com ele vivendo seus tempos de menino. Para mim que o conhecia há muitos anos era agora outro homem que nunca se mostrou daquela forma. Não o interrompi, deixei que ele se lembrasse do seu passado do qual tanto amou.

- Ele continuou - Lembro que ao chegar a minha casa o telegrama estava lá. Tinha sido entregue pela manhã. A princípio não o li. Não era costume receber telegramas, pois não conhecia ninguém tão importante para me enviar. Só podia ser convites de amigos para um baile, um casamento ou um batizado. Mesmo assim resolvi ler. Fiquei estarrecido com seu teor. O telegrama foi enviado por Mosquetinho, um dos meus melhores amigos de patrulha, amigo inseparável, simples como ele sempre foi - Dizia o telegrama - "Chefe Gafanhoto faleceu na madrugada de hoje. O féretro será amanhã às dezesseis horas no Cemitério Santo Antonio". Não tinha outro jeito a não ser botar o pé na estrada e retornar a Pedra Azul. Não poderia faltar de maneira nenhuma no seu enterro. É sempre assim. Ficamos sempre a pensar o porquê não ter retornado antes, pois tempo não me faltou. Poderia agora lembrar que tinha dado nele um abraço, um aperto de mão, rever todos, mas nunca o fiz. Quinze anos! Tempo demais. Mesmo assim eu tinha de voltar, tinha de estar presente em suas exéquias e não podia faltar. Agora era diferente.

Quando li o telegrama eu levei um susto! Chefe Gafanhoto morto? Impossível! Ele devia estar agora com pouco mais de quarenta e cinco anos. Parecia impossível, mas sabia que Mosquetinho não iria inventar uma notícia assim. Não titubeei duas vezes. Chamei o Doutor Manga diretor da minha empresa e disse a ele que iria ficar alguns dias fora, mas que manteria contato. Comprei as passagens e pé na estrada. Eu poderia ter ido com meu Camaro Vermelho, mas era uma viagem longa demais. Tinha de ser em um ônibus com poltronas reclináveis para dormir, pois ficaria pouco dias em Pedra Azul. Eu sabia que a Cometa me oferecia estas vantagens e o Águia Prateado era meu Velho conhecido de anos e anos no vai e vem naquela estrada. Nunca deixaria de ir, nunca. Minha vida nunca foi mais a mesma sem ele depois que parti e o passado não podia ser enterrado sem eira e nem beira com o falecimento do Chefe Gafanhoto. Não podia mesmo. Poderiam me dizer quem sabe que eu seria outro homem sem ele, diferente do que sou hoje. Mas o caráter a honra, a ética a responsabilidade não seriam as mesmas em que outrora o saudoso Chefe Gafanhoto me ensinou. Eu tinha certeza que não teria um milésimo da força que ele me deu. Não teria mesmo. Apesar de ter um pai excepcional o Chefe Gafanhoto era para mim um segundo pai. Quando mamãe morreu eu tinha quatro anos e se não fosse meus dois pais não seria o que sou hoje.

Chefe Gafanhoto sempre foi uma pessoa importante em Pedra Azul. Conhecia todos, era amigo de políticos e empresários. Poderia dizer que foi amigo de todos, colaborador, sempre prestativo e nós pouco sabíamos de suas condições financeiras, seus parentes nada. Nunca soube o nome dele. Desde que o conheci que todos só o chamavam de Chefe Gafanhoto. Muitos não gostam de Gafanhoto principalmente os fazendeiros. Eles quando aparecem sempre acabam com a plantação. Uma vez li que na China antiga devido a sua rápida multiplicação era tido como símbolo da fertilidade, ou

seja, uma benção celeste. Ele tinha uma enorme simpatia e que conquistava a todos a sua volta e sempre dizia: – “Precisando procurem o chefe aqui”. Nunca perguntei a ele como se tornou um autodidata, uma figura carismática e reconhecidamente um grande Chefe Escoteiro querido e admirado por todos na cidade e fora dela. Desculpe-me por não saber explicar melhor. Era menino. Vivia sonhos dourados no escotismo. Uma época de amigos e irmãos Escoteiros, uma mochila, um farnel, uma bandeira uma trilha, pé na estrada e assim começavam nossas aventuras. Abri os olhos e as primeiras casas apareceram. Nas janelas olhares a perscrutar quem estava chegando. O Águia Prateado fez a volta no Chafariz da Praça Central. Poucos ali a esperar o ônibus. Não era assim no passado quando o Seu Anatólio o motorista chegava sorrindo, com seu boné azul limpo, seu terno azul bem passado e parecendo saído da Lavanderia do Seu Napolitano de tão limpo.

Quando não estava na escola lembro-me de ficar a correr junto com a molecada atrás do ônibus a gritar – Chegou! O ônibus chegou! E em frente ao Bar do Jofre ele parava, a porta se abria e seu Anatólio era o primeiro a descer, sério e circunspecto dizia a cada um dos seus passageiros: – Obrigado por confiar neste Velho motorista. Agradecido por ser meu companheiro de viagem! - Muitos da cidade vinham ver os novos “chegados”. Uma vez ou outra o retorno de um filho, uma filha, um parente e era uma festa. A cidade inteira ficava sabendo – Sabe a Dona Conceição? O irmão dela chegou! Agora tudo diferente. No bar do Jofre uns gatos pingados. O ponto final não mudou. Nem o bar. A pintura velha e descascada, a velha mesa de sinuca, na porta umas cadeiras e até o Jequitibá enorme ainda estava lá. Não me lembrei de ninguém. Pudera quinze anos se passaram. Ele na porta me olhou e deve ter pensado que me conhecia. Não o cumprimentei. Era garoto no passado e ele um homem. Peguei minha pequena mala e parti para a pensão da Dona Matilde.

A música de Chico Buarque me veio à mente – “A mesma praça, o mesmo banco e o mesmo jardim”... É bom retornar. Saudades batem forte quando nos lembramos do nosso passado. Antes as janelas cheias de rostos para saber quem chegava e hoje ninguém. A cidade não era a mesma. A pequena ponte que ligava ao bairro do Jacinto nem cor tinha mais. Estava toda pixada. O rio onde eu pesquei tantos lambaris, enormes bagres, traíras e lindos piaus, estava escuro e a sujeira ficava a vista. Suas barrancas cheias de barracos de madeira quase caindo. Pedra Azul do passado não era rica, nunca foi, mas tinha orgulho de ser a mais linda cidade do Vale das Vertentes e agora pelo que vejo não é mais. Aos poucos imaginei os últimos dias do Chefe Gafanhoto a viver em uma cidade que definhava. Nunca esqueci aquele Sete de Setembro onde centenas de Escoteiros a desfilar, o Chefe Gafanhoto orgulhoso com sua varinha de madeira presa sobre o braço, seu chapéu de abas largas bem postadas, a sorrir para a população que ovacionava e todos e olhares direto para ele. A cidade ao seu modo o referenciava e o amava.

A cada dia que vivo mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade.

Carlos Drummond de Andrade

O estranho funeral do Chefe Gafanhoto.

Capítulo II

A tarde ia chegando de mansinho. O lusco fusco deixava ver um sol opaco se escondendo por trás de alguns edifícios que tomaram o lugar das pequenas casas de onde se podia ainda avistar as montanhas da varanda da casa do Velho Escoteiro. Estava tão interessado na história que ele narrava que nem notei a Vovó sentada ao lado dele. Com os olhos semicerrados, com um olhar angelical, os cabelos brancos como a neve sempre presos em coque. Eu pensei comigo como ela deveria ter sido quando jovem. Se hoje é uma linda senhora imaginar ela então no passado? O Velho Escoteiro não escondia sua idade, mas não fazia a mínima ideia da Vovó. Um dia ela contou para minha esposa que tinha oitenta anos. Eu mesmo nunca perguntei. Era uma seara que sempre achei de má educação perguntar. Entre nós havia uma pequena mesinha e nela como sempre os quitutes da Vovó. Deliciosos. Pães de queijo, biscoitos de polvilho, brevidades, nacas de sonhos impossíveis de se “bocar” de uma só vez. O Velho Escoteiro a olhava de uma maneira doce e respeitosa. Olhou para mim como a perguntar – Continuamos? Eu só com a cabeça disse que sim.

- O Velho Escoteiro não perdia tempo e continuou - Nunca me preocupei porque ele nunca me disse seu nome. Convivi com ele por vários anos e nunca soube de onde veio e nem como ganhava a vida. Não era importante para nós naquela época. Para mim e outros tantos Escoteiros ele se chamava Chefe Gafanhoto e pronto. Era magro, muito magro, sempre gostou de um bigodinho bem aparado. Tinha um sorriso contagiante e andava como um Lord. Lembro que um dia na reunião de tropa ele conversava com a mãe de um Escoteiro e chamou os monitores – Vou sair, volto logo. O Guia Arthur ficará responsável. Era assim seu modo e sua maneira de conduzir a tropa. Confiava em todos. Partiu célere sem dizer nada a ninguém o que iria fazer. Ficamos sabendo depois que ele foi atrás do prefeito Juventino no Clube das Moscas Brancas e o retirou de lá quase a força. O prefeito não querendo fazer um escândalo o acompanhou. Nem sabia do que se tratava. A casa de Dona Laurita mãe do Adalberto da Patrulha Onça Parda estava cheia de gente, o prefeito ainda nas escuras ouviu o Chefe Gafanhoto dizer – Prefeito, a SAE cortou a água e a força sem a menor cerimônia à eletricidade. O senhor sabe que o Jacob marido dela era funcionário da prefeitura e morreu fazendo um serviço para o senhor em sua fazenda. Ela está com criança pequena e mal consegue sobreviver.

Juntou mais gente. Um silêncio enorme. O prefeito não sabia de nada. Insultou baixinhos os dois patifes que ele nomeou como presidente da Força e Luz e da SAE. – Em duas horas a luz e a água serão religadas ele disse. Uma salva de palmas e lá foram os dois abraçados, Chefe Gafanhoto e o Prefeito Juventino. Onde deve andar ele hoje? Dizem que foi um bom prefeito naquela época. Meus pensamentos agora se viraram para a pensão da Dona Matilde. Caramba! Se tudo piorou na cidade a pensão se transformou

em um lindo Hotel. Todo pintado de branco com janelas e portas azuis, garagem para carros e no hall de entrada um porteiro uniformizado. Em Pedra Azul tem disto? O porteiro me recebeu como se eu fosse um potentado oriental. Dentro uma “chiquesa” que só vendo. Peguei um quarto simples tomei um banho e parti para a casa de Mosquetinho. Nada mudou no bairro humilde onde ele morava e nem na casa dele. Nada. Porque Mosquetinho não deu pelo menos uma mão de cal em sua casa? Uma sujeira enorme. Ele não estava. A casa vazia. Onde andaria dona Ana a mãe dele? Perguntei ao vizinho. - Ele trabalha em uma empreiteira fora da cidade, disse. Quase não vem aqui. Sua mãe faleceu há oito anos. Ele mora só, pois sua esposa fugiu com outro. Poxa! Que sina a do Mosquetinho. Juro que se tivesse sabido o teria levado a morar na minha cidade e lhe daria um belo emprego.

Sabia que ele estaria presente no funeral do Chefe Gafanhoto. O melhor era esperar e enquanto isto ia saber onde ele estaria sendo velado. Custei para ter uma pista. No Velório Municipal não sabiam de nada. Deveria estar lá sem sombra de dúvida, pois como cidadão de Pedra Azul e amado pelos habitantes da cidade não podia ficar em outro lugar.

O Pedro Xisto pipoqueiro nem se lembrou de mim. Pudera. Só me disse em monossílabos que ele não sabia onde o Chefe Gafanhoto seria velado. Fui ao Cemitério e nem uma viva alma. Notei ao longe a figura do seu Manolo. Ele também não ia lembrar-se de mim, mas quantas vezes me diverti com ele bravo conosco entre as catacumbas e mausoléus a correr como lebres e ele sem poder nos alcançar? Coitado. Perdeu uma perna na guerra e usava uma de madeira. Ele ficava bufando de raiva conosco. Provas de coragem a meia noite que nunca esqueci. Ninguém via nele o coveiro e a não ser sua perna de pau ele parecia mais o Papai Noel com suas enormes barbas que agora ficaram brancas. O chamei e ele chegou calmamente. Olá seu Manolo. Como vai? Ele me olhou de soslaio tentando lembrar quem eu era. Conhecia todos na cidade. Sabia que tinha me reconhecido, mas não se lembrava do nome. – Sabe onde o Chefe Gafanhoto está sendo velado?

- Ele custou a responder. Aqui. – Aqui? Perguntei, mas onde estão todos? – Não tem ninguém, só o corpo dele. Sei que na hora do enterro Dona Lisbel e a faxineira Lili irão aparecer. Ninguém mais. – Fiquei boquiaberto. Onde estavam os seus amigos, seus admiradores, e os Chefes e os Escoteiros? Afinal e os habitantes da cidade que o admiravam? Porque seu Manolo? Ele era tão querido e no dia da sua partida todos os abandonaram? Foi um baque forte. Nunca pensei que a morte de alguém fosse ser assim. Abandonado a própria sorte. Seu Manolo me olhou e não disse nada. – Melhor saber com seus amigos isto é, se ainda ele os tiver ou o delegado. Fiquei encucado. Alguma coisa estava acontecendo. Tinha de descobrir o que estava havendo. O Chefe Gafanhoto foi para mim um Deus Escoteiro. Sempre me espelhei em sua postura e sempre segui seus ensinamentos. Foi com ele que me apaixonei mais e mais pelo escotismo. Fez de todos da tropa autênticos Escoteiros cuja honra era explicitada e falada por todos nós todos os dias. Tinha que haver uma explicação para tudo. Fui até um quartinho onde Seu Manolo guardava seus apetrechos para fazer sepulturas e obras conforme pedido dos parentes daqueles que perderam um ente querido. Fiquei estarecido. Lá estava ele em um ataúde de terceira. Mais parecia um caixote feito às pressas. Ele? Nem quero comentar. Uma visão incrível. Todo ensanguentado, nariz quebrado e um dos olhos furado.

- Olhei para o Velho Escoteiro e senti na própria pele sua tristeza e sua solidão em perder alguém a quem amava e que um triste destino o levou a uma morte tão dolorosa. Nunca tinha visto o Velho assim tão choroso e acabrunhado. A história para ele era marcante. – Velho não quer terminar outro dia? Já está ficando tarde. – Ele levantou os olhos e os ombros e me respondeu tristonho – Se você não quer ouvir o final tudo bem. – Velho escoteiro! Eu disse. Nada disto. Estou achando que você está sofrendo por lembrar-se de uma parte da sua vida que o machucou muito. – Ele me respondeu - Olhe, são recordações como esta que me fazem pensar que a vida sem luta não vale a pena. Sempre me orgulhei de ir até o fim. Desistir nunca. Você precisa saber de tudo que aconteceu. O escotismo a gente ama, mas também podemos odiá-lo. Tudo depende de como se viveu e como vamos viver com ele dentro de nós. – Mas preste atenção, eu peço a Deus que você não passe pelo que passei. Quando vi como estava o meu amado Chefe eu sai dali correndo. Meu coração parecia que ia explodir. Nunca senti tanta tristeza em minha vida. Como poderia alguém que deu sua vida pelo movimento, por uma cidade tentando fazer homens de bem e morrer assim?

– Vamos entrar disse o Velho. A noite chegou e este sereno não me faz bem. O vento sul soprava calmamente e com a noite o frio chegava mansinho, a varanda não era um bom lugar para aquecer. Na Sala Grande encostei-me a uma pequena poltrona. Ele e a Vovó ficaram na poltrona de couro preto já gasta com o tempo. Não estava cansado e ficaria ali ouvindo o Velho Escoteiro até ele desistir e ir dormir.

O Velho continuou - Fui direto a Delegacia, O delegado Toninho não estava. Um cabo me disse que ele não iria demorar. Fiquei na porta da delegacia esperando. Um caminhão cheio de peões passou pela rua e vi nele Mosquetinho. Ele me viu também e pediu para parar. Desceu e correu em minha direção. Abraçou-me chorando. Vi que ele estava engasgado. A praça era perto. Na Sombra de um jatobá sentamos. Ele sempre soluçando. Minha expectativa era enorme, mas não podia apressá-lo. Que história poderia envolver o Chefe Gafanhoto para todos lhe virarem as costas? Porque uma morte tão cruel? Poxa, um homem que deu tudo pela cidade. Formou dezenas de jovens nas sendas escoteiras. Ensinou-nos a sermos amigos fraternos, a ajudar o próximo, a ter caráter e honra e agora abandonado e jogado as traças na sua morte? Senti que Mosquetinho não iria falar ali agora. Ele tremia. Ele quando jovem já era gago e eu não podia forçar. O levei até o hotel. Disse a ele que tomasse um banho, iríamos jantar e conversar melhor. Ele respeitoso me olhou com os olhos húmidos. Pedi a um boy do hotel que comprasse uma calça e uma camisa do meu tamanho. Dei a ele o dinheiro. Voltei para o quarto quando fui chamado pelo Cabo. - O delegado Toninho chegou e insiste em ter sua presença disse.

Pedi a recepcionista que quando o boy chegasse com a roupa levasse ao meu quarto e entregasse ao Mosquetinho. Dissesse a ele que era um presente e que iria voltar logo. Atravessei a rua e logo estava na delegacia. O Delegado Toninho não era dos mais amigáveis. Devia ter ficado encucado quem seria este amigo do Chefe Gafanhoto. Os acontecimentos também poderiam prejudicá-lo caso eu fosse algum figurão da capital. Ele não teve meias palavras. Foi direto ao assunto – Seu amigo era um pedófilo. Estuprou e matou uma menina de cinco anos! E anos depois fez o mesmo com uma criança de seis anos! Quase caí de costas. Era como se fosse um coice de mula em cima do meu peito. –

Não entendi delegado. O meu amigo Chefe Gafanhoto era conhecido aqui. Nasceu aqui e todos o conheciam e o respeitavam. – Ele riu. Malditas estas bestas feras que ninguém conhece até que mostram o que são. Ele se calou e eu calado fiquei. Não acreditava em nada no que ele dizia. Quantos meninos passaram em suas mãos? Quantos o admiravam e ninguém, ninguém mesmo nunca soube de nada? Agora um pedófilo estuprador e assassino?

Meu estomago revirava. Aquele delegado dos infernos acabara comigo condenando meu Chefe, meu amigo e meu segundo pai daquele jeito. Ele parecia sentir prazer quando me contou. Dei as costas para ele e vi quando o cabo e ele deram risadas. Malditos! Isto não era verdade. Eu não sabia como, mas iria provar que o que ele disse era mentira. Sai da delegacia tremendo e não antes de dizer ao delegado que a verdade iria aparecer. Ele e o cabo riram – A verdade meu jovem está lá no cemitério, sozinho e sem ninguém. No caminho encontrei Willian Grotão nosso Monitor. Ele me olhou parou e pensou quem eu era. Eu o reconheci logo. – Sou eu Willian. - Meu Deus! É você Escriba Risonho! – Ele me olhou de novo, deu um belo sorriso e um enorme abraço bem apertado como era seu estilo. Nada mudou no nosso Monitor. Gente boa. Sempre um líder para todos e de todos. Quantas aventuras? Quantos acampamentos? Quantas excursões e viagens sem fim? Quantas noitadas a esperar o sol nascer em uma montanha qualquer? Fora tempos que não voltam mais e que ficaram gravados para sempre. Mas eu não estava ali para lembrar-me dos bons tempos do passado. Ele me pegou pelo braço e me levou até o bar do Jofre. Sentamos na varanda bem embaixo da frondosa árvore.

Meu amigo Escriba Risonho sumiu seu sorriso? – perguntou. – Sorrir meu amigo? Com esta notícia que mais parece uma bomba a cair na minha cabeça? – Pois é ele disse. Ninguém acreditou quando a história correu de boca em boca na cidade. Foi como alguém tivesse jogado sobre nós uma bomba atômica. Quando você partiu O Chefe Gafanhoto foi convidado pela oposição a se candidatar a prefeito. Não ganhou, mas chegou perto. Dizia que nas próximas ele seria eleito facilmente e mudaria a cidade de cabeça para baixo. Dizia que Pedra Azul seria a maior cidade escoteira do mundo. Ele contava isto para a gente e nós dávamos risadas. Lembro em um acampamento no Morro do Açúcar você sabe onde é, acampamos juntos lá diversas vezes. No fogo de Conselho o Chefe Gafanhoto nos contou uma linda história. De uma cidade atrás das montanhas azuis, onde vivia um povo irmão, onde todos davam as mãos e sorriam, onde tudo era dividido, não havia ricos e nem pobres, e onde a lei escoteira era cumprida com um sorriso nos lábios. Ele contou que um dia Deus passando por lá e vendo o brilho no coração de todos disse que ali reinaria a felicidade para sempre e que todos seriam imortais.

- Sabe meu amigo Escriba Risonho, quando ele terminou de contar a história um belo cometa enorme e cintilante riscou os céus como a dizer – A cidade existe, basta cada um querer. Muitos choraram de emoção. Eu mesmo pensava que seria lindo poder morar em uma cidade assim. E hoje vendo o que fizeram com ele meu coração bate forte e minha mente sempre a dizer que não é verdade. Nenhum de nós acreditou naquela história de Dona Rosilda. Não podia ser verdade. Mas a história dela caiu como uma bomba, pois a polícia encontrou Santinha em um beco próximo a casa de Dona Maria das Graças, em um terreno baldio toda machucada. Ainda balbuciava, mas sua respiração era tênue e muitos a ouviram dizer – Chefe Gafanhoto! Chefe Gafanhoto! Ela foi levada ao hospital e morreu

horas depois. Dona Rosilda correu de porta em porta jurando que era ele o assassino. Ninguém entendia porque ela insistia tanto afinal era sua neta, filha de Lisbel sua filha e que um dia foi à namorada do Chefe Gafanhoto. Todos acharam que seriam o mais belo casal a entrar na igreja do Santíssimo. O médico para piorar disse que ela tinha sido estuprada! A cidade ficou em pé de guerra. Pais e mães de Escoteiros e lobinhos custavam a acreditar. Era impossível! Chefe Gafanhoto era um homem de honra, reto e honesto e sempre assim o demonstrou.

- Olhei para o velho Escoteiro e seus olhos estavam cobertos de lágrimas. Lembrar-se daquele passado o machucava dolorosamente. Pensei em me levantar e ir embora, pois o que ele narrava até eu que não tinha conhecido o Chefe Gafanhoto sentia como se eu estive lá vivendo cada passo, cada dia, e ouvir de amigos e inimigos uma história que não batia com o passado de um homem que ele admirava e que para ele era seu herói. Notei que a Vovó o abraçou e também tinha os olhos marejados. Ele conhecia a história e conheceu o chefe Gafanhoto quando solteira. – O Velho Escoteiro me olhou e disse – Sabe meu amigo, cada um de nós temos um caminho a seguir e não podemos fugir dele. O seu irá aparecer um dia. Ninguém está livre para fazer e construir um destino próprio e olhe sei que temos o livro arbítrio, mas quando viemos para este mundo nossas vidas estavam escritas e se não cumprirmos nossas metas vamos ter que voltar de novo um dia. O Velho Escoteiro se levantou, deu uma volta na varanda, olhou o movimento na rua e voltou sentando-se. O Velho me olhava calmamente. Fez uma pausa e continuou:

- Beberiquei uma cerveja com o Monitor Willian Grotão no bar do Jofre. Senti que ele também não gostava de lembrar. Na rua apareceu Mosquetinho de roupa nova. O chamei para se sentar conosco. Tentamos falar de outros temas, por onde andavam nossos companheiros de patrulha e o que aconteceu com o Grupo Escoteiro depois disto. – Foi Mosquetinho que contou tudo. De boca em boca, de porta em porta as acusações ao Chefe Gafanhoto aumentavam Escriba Risonho. Ouve mães que mentiam descaradamente dizendo que ele tentou molestar seus filhos em acampamentos. Uma inverdade tremenda. Cada família proibiu seu filho de participar do grupo escoteiro. Não havia agora quase ninguém na tropa e na Alcateia. Mesmo assim o Chefe Gafanhoto não esmorecia. Sempre dizia que era inocente e que a verdade iria aparecer. Ninguém acreditava. Eu e Nonô Orelhudo fomos os últimos a participar do grupo. Minha mãe adorava o Chefe gafanhoto. Nunca acreditou no que estavam dizendo dele. – Até seus pais Willian Grotão o proibiram de participar. – Willian me olhou choroso. Um homem agora de uns vinte e oito anos. Quase da minha idade. – Verdade mesmo Mosquetinho. Meu pai me deu uma surra para não aparecer lá mais. Você lembra que ia escondido e o Chefe Gafanhoto me pediu que não fizesse mais isto.

- Mas o pior meu amigo Escriba Risonho estava por vir. O Maldito Delegado Toninho fazia tudo para humilhá-lo, dizendo que ele seria preso que seria levado para São Romão um presidio que amedrontava a todos pela sua brutalidade e demorou um mês para formalizar uma acusação. Em principio ninguém dizia que ele era ruim, que ele era culpado. Chamou diversos Escoteiros, lobinhos e todos sempre jurando que o Chefe Gafanhoto era para eles um segundo pai. O tempo foi passando. Todas as portas se fecharam. A cidade que o amava agora o desprezava. Naquela época tentaram tudo para incriminá-lo e não conseguiram. Ficou preso quatro meses e até hoje eu não sei como os

jurados o absolveram. Ele era teimoso, não saiu da cidade. Arrumou emprego na Techint Engenharia e Construção. Era a mesma empresa de Mosquetinho. Ele saía cedo e voltava à noite. Nos fins de semana saía cedo para pescar. O escotismo para ele acabou. Sua vida mudou da água para o vinho.

O pior veio a acontecer em janeiro passado. Acho que foi em um sábado não tenho certeza, Uma noite dançante que sempre acontecia no Clube Real o Chico Risadinha e sua turma saíram altas madrugada e completamente bêbados, foram até a casa do Chefe Gafanhoto. Gritaram disseram que ele era um assassino o chamaram de bandido e de tantos nomes que o Chefe Gafanhoto resolveu enfrentá-los. Eram mais de oito. Deram uma surra tremenda nele. O arrastaram pela rua gritando que pegaram o estuprador de crianças e o deixaram na porta da delegacia. O Delegado Toninho vendo que poderiam matá-lo o prendeu em uma cela. Ficou lá por cinco dias. Solto voltou para seu trabalho. A cidade que parecia adormecida com o fato do passado agora acordou novamente. O disse me disse o boca a boca, a rádio pião sempre comentando e muitos esqueceram que ele foi inocentado. E então o pior aconteceu. O Tavinho Pata tenra de seis anos filho de um antigo escoteiro apareceu morto da mesma maneira que Santinha.

Desta vez ele mesmo correu para a delegacia. Sabia que ia ser morto se ficasse em casa ou andasse pela rua. Jurou inocência e disse que trabalhava no dia do crime. O delegado olhou para ele e não perdoou. - Gafanhoto, ele disse, desta vez você não vai escapar. Em momento algum tentou averiguar seu álibi. Uma multidão se formava todos os dias em frente à delegacia. O Delegado pediu reforços na capital. Eles mandaram dois soldados. Dois pode? - O Juiz Doutor Arquimedes exigiu do delegado uma solução. Queria o inquérito policial em um mês. Ele correu para forjar um Inquérito de mentira, bem assim acreditamos. Não intimou ninguém e até no local dos crimes ele não foi. - O que você acha? Perguntou o Juiz Doutor Arquimedes, culpado ou inocente? - Culpado disse o delegado. O julgamento foi marcado para daí há quatro meses. No dia do julgamento o Fórum estava lotado. Não cabia mais ninguém. O corpo de jurados foram escolhidos pelo Juiz e nem perguntaram ao advogado Doutor Maninho que representava o Chefe Gafanhoto se ele discordava de alguém escolhido. O Chefe Gafanhoto estava mudo. Preferiu não dizer nada. Ele já sabia que eram cartas marcadas. Uma a uma as testemunhas não tiveram dó e nem piedade do dele. O Promotor Donato ria por dentro e pensava: - Este não me escapa tá no papo! Lá fora a chama da violência na multidão ensandecida ruminava. Dois soldados guardavam a porta do Fórum e mais dois lá dentro. Só um na delegacia. O Delegado Toninho em um canto do fórum observava tudo. Não fora arrolado como testemunha. Ele pensava se aquilo que acontecia era certo. Agora tinha dúvidas e medo da multidão. Em sua vida de delegado nunca passou por uma situação desta.

O Chefe Gafanhoto não teve nenhuma defesa. As testemunhas dele foram poucas. A maioria eram Escoteiros, mas todos de menor idade e não podiam participar. Os antigos Escoteiros pressionados por suas famílias preferiram se colocar a margem. É sempre assim. Amigos, amigos negócios a parte. A morte de crianças é o crime mais horrível e tão brutal que ninguém que fora seu amigo iria testemunhar. Todos agora se escondiam como caranguejos no brejo. A maior traição foi feita pela Akelá Noêmia. Para dizer a verdade não sei se foi uma traição, pois ela acreditava no que viu e presenciou. Ela testemunhou e

jurou sobre a bíblia que o viu diversas vezes acariciando e beijando as faces de Santinha. Depois se arrependeu pelo resto da vida por ter contado aquilo. Sempre se sentiu culpada pelo que aconteceu. Depois do julgamento sumiu da cidade. Ninguém nunca mais ouviu falar dela. Cinco mães também juraram sobre a bíblia que seus filhos tinham sido molestados, mas provas mesmo nenhuma. Dona Rosilda mãe de Lisbel não pode ir. Era ela que a principal acusadora. Sempre jurou que ele era culpado, mas estava paralisada em uma cama em sua casa onde Lisbel se desdobrava para lhe dar algum conforto. Seria o início da justiça de Deus?

Dois chefes escoteiros de Riacho Grande vieram ao julgamento para servir de testemunha de defesa, eles conheciam o Chefe Gafanhoto, e sabiam que ele era inocente, mas não foram aceitos. O Doutor Maninho advogado do Chefe Gafanhoto conduziu a defesa de uma maneira totalmente desastrada. Parecia que ele deseja que seu cliente fosse condenado. Ficamos sabendo depois que ele era recém-formado e tinha um medo terrível do Juiz Arquimedes. O julgamento foi rápido. Durou apenas dois dias. Declararam-no culpado. Trinta e oito anos de cadeia no Presidio de São Romão. Para evitar um linchamento iriam levá-lo no dia seguinte. Não deu tempo. Sabe-se que nos linchamentos se faz presente a dimensão mais oculta do nosso imaginário. Dizem que pacíficos transeuntes, pacíficos vizinhos, devotados parentes e pais se envolvem na execução de alguém, a quem, às vezes estão ligados por vínculos de sangue. Acreditam mesmo que ali está a justiça popular. E dantesco a turba fechar os olhos para a razão e partir para uma ação que no dia seguinte irá ficar na mente de cada um para sempre.

Naquela noite uma enorme multidão se formou em frente à delegacia. Um zunzum e depois muitos começaram a gritar - Mata esfola, enforca! O ar noturno ficou carregado. A cidade parecia ter recebido uma descarga elétrica. O clima estava ficando péssimo. O delegado sabia que com cinco soldados e um cabo nunca conseguiriam defender a delegacia. Olhe que no fundo eu pensava que ele torcia para invadirem a delegacia e pegarem aquele estuprador maldito e o matassem. Ele nunca foi imparcial. Nunca procurou provas e não mexeu um dedo para saber a verdade. Sempre a dizer culpado. Seu relatório estava cheio de mentiras. Depois de tudo eu sei que ele se arrependeu e muito. Sua ficha ficaria marcada para sempre onde fosse. Sempre fiquei na dúvida porque ele agiu daquela maneira. No fundo não era um mau policial.

Enquanto o Velho Escoteiro contava a história eu olhei meu relógio e vi que ainda era cedo. Onze da noite. Não iria sair dali sem o final. Vovó encostada ao ombro dele parecia dormir. Havia um silêncio profundo na sala. O Velho Escoteiro respirava com dificuldade e isto me preocupou. Vovó se levantou e foi buscar sua bombinha. Ele deu uma pequena parada me olhou e disse – aguarde, volto logo, hora de uns remédios. Subiu as escadas até seu quarto e alguns minutos depois voltou. Quando ele subiu Vovó me contou como ele sofreu com tudo aquilo. Ela sabia que ele e o Chefe Gafanhoto tinham uma união quase de pai para filho. Uma amizade que ambos sabiam que nunca iria acabar. Ela não chegou a conhecê-lo pessoalmente. Aprendeu a admirá-lo por causa do Velho Escoteiro que sempre contava suas aventuras, e a admiração que tinha por ele. Ela ainda não era casada quando ele morreu. Hoje ela lembra o quando ele sentiu sua morte, pois anos e anos depois quando recordava ele chorava.

O homem pode suportar as desgraças, elas são acidentais e vêm de fora: o que realmente dói, na vida, é sofrer pelas próprias culpas.

Oscar Wilde

O estranho funeral do Chefe Gafanhoto.

Capítulo III

Meia noite. Eu não ia trabalhar no dia seguinte. O médico me deu cinco dias de licença para que ficasse bom de minha pneumonia. Minha turma da manutenção poderia sem sombra de dúvida me substituir. Naquela manhã telefonei para o meu gerente e avisado a ele como estava. Eu sempre fui bem considerado na empresa e eles me queriam são e não doente. Assim poderia dormir em qualquer horário e sabia que a Vovó e o Velho Escoteiro não se importavam. Principalmente se ele estivesse motivado e pelo que víamos ele estava. Levantei tomei um cafezinho que ainda estava quente na garrafa térmica e esperei o Velho Escoteiro continuar sua narrativa. Ele risonhamente me perguntou se eu não devia avisar alguém. Lembrei-me da minha esposa. Tinha me esquecido completamente e liguei para ela. Disse que estava na casa do Velho Escoteiro e ia chegar um pouco tarde. Ela riu do outro lado e disse – No mínimo ele está contando uma história dos velhos tempos! E deu uma gostosa gargalhada. Minha esposa era única. Desliguei, olhei para o Velho Escoteiro e disse – vamos continuar? – Ele riu e se ajeitou na poltrona colocou um novo CD de Zamfir o mestre da Flauta de Pan. Ele gostava de uma música de fundo e isto sempre aconteceu em suas narrativas.

– Mosquetinho parecia ter engolido uma vitrola. Não parava de falar e contar tudo que aconteceu. Ele sentia-se ultrajado, machucado e ferido por uma cidade que não valorizava ninguém. – Escriba Risonho, o pior foi naquela quarta fatídica. Os guardas deixaram a porta aberta. Dois deles fingiram cochilar em uma cela vazia. A turba fazendo um barulho terrível invadiu a delegacia. Os soldados que lá estavam acordaram e saíram correndo. Eram uns vinte homens todos com capuz ou lenço no rosto para não serem reconhecidos. Não houve chance de defesa. Correr para onde em uma cela de nove metros quadrados? A porta da cela estava aberta. Mataram o Chefe Gafanhoto a pauladas, chutes e socos. Ele ficou irreconhecível. Quando viram que não respirava mais fugiram. Até hoje ninguém sabe e ninguém viu quem foi. Investigação? Nunca houve.

- No dia seguinte a cidade amanheceu silenciosa. Parecia saber que era culpada. Muitos tentavam explicar o inexplicável. O Juiz Doutor Arquimedes mandou chamar o delegado. – Ou você descobre quem foram os linchadores ou vou acabar com você! – Doutor Arquimedes, o senhor sabia que isto iria acontecer. Eu não tive condições de proteger o prisioneiro, mas cá entre nós, ficamos livres de um pedófilo estuprador não? – Será mesmo Delegado Toninho. Será mesmo? Olhe eu até hoje não tenho certeza. Eu o condenei porque os jurados foram unânimes em declará-lo culpado e o prefeito me pressionou. A cidade toda está comentando. As comadres, os homens todos agora se sentem culpados. Conversam nas esquinas, nos bares, conversam ao pé do ouvido. Muitos perguntam se ele deveria ter morrido assim. Ninguém quis assumir o seu funeral.

O Nonô Morto Vivo da funerária e dono do Velório disse que sem dinheiro ele não ia fazer nada. Eu mesmo com umas taboas que tinha no meu quintal fiz um esquife para ele ficar. A policia o deixou no cemitério e mandou o Manolo Coveiro enterrar.

- Fiquei revoltado com tudo aquilo. – Mosquetinho continuou - Infelizmente meu amigo eu não tinha condições financeiras para dar a ele um enterro à altura. Ninguém quis ajudar. – Willian Grotão pediu desculpas. – Minha esposa me proibiu Escriba Risonho. Disse que se eu ajudasse ela iria embora. - Pois é, continuou Mosquetinho. Eu não tinha saída e sabia o quanto você gostava dele. Foi aí que resolvi passar o telegrama para você. Ficamos nós três em silencio sentados na mesinha do Bar do Jofre. Comecei a pensar em tudo que aconteceu. Eu já tinha certeza que tinham armado para o Chefe Gafanhoto. Sua inocência para mim era um fato e agora mais ainda. Eu iria provar isto. O delegado iria pagar por ser um acusador e frouxo na hora de defender um prisioneiro seu. A primeira coisa era providenciar um enterro digno. Paguei as despesas do bar e sai. Mosquetinho foi ao meu lado e Willian Grotão ficou em dúvida, mas me seguiu também.

- Entrei no Velório do Nonô Morto Vivo. Quando disse o que me levava ali ele balançou a cabeça. – Olhe senhor ele disse, não sei se sabe, mas sou sócio do novo Prefeito Muriel e não sei se ele vai gostar – Uma raiva enorme me subiu a cabeça – Encostei o dedo no nariz do Nonô Morto vivo e disse a ele – Ele vai ser velado aqui patife. E se você não quiser vai sofrer as consequências de um processo enorme. Mando vir os melhores advogados da capital e acabo com sua raça. E olhe, acho que você não sabe com quem está falando! Nonô Morto Vivo ficou branco e lívido. Eu continuei falando – Quero que vá agora mesmo buscar o corpo do Chefe Gafanhoto no cemitério e vai colocá-lo no melhor esquife que tiver. Vai fazer dele um homem de bem sem aquelas feridas enormes que apresenta, não importa o preço. Quero tudo aqui enfeitado com as melhores coroas de flores que conseguir. Marque seu enterro para amanhã às quatro horas da tarde. Quero que todo o povo da cidade saiba disto. Nonô Morto vivo saiu correndo e sumiu na esquina com seu carro fúnebre. A notícia já corria de boca em boca. Um estranho estava planejando o féretro do defenestrado. Do estuprador de crianças.

- Eu contava com o disse me disse, todos deveriam saber que alguém lutava pela inocência do Chefe Gafanhoto. Fui até a delegacia e falei grosso com o Delegado Toninho. Disse a ele que eu não era importante, mas tinha dinheiro. Iria agora mesmo telefonar a minha empresa na capital para enviar urgente um dos melhores advogados da cidade que por sinal trabalhava em nossa empresa e um dos dez melhores da capital. Iria pedir também para me enviarem dois seguranças que já foram da Policia Federal. Ele iria conhecer o melhor detetive que existia no país. Eu ia chamar um antigo delegado da Interpol muito amigo meu e que era Chefe Sênior. E veja senhor delegado que não vou parar por aí. Irei pedir ao meu diretor da minha empresa para explicar ao Ministério Público o que estava acontecendo. Sei que eles vão enviar alguém aqui e olhe se não vier à corregedoria. – Seu delegado, se alguma coisa acontecer comigo o senhor será o único responsável. Sai da delegacia tremendo de raiva. Olhei para trás e vi dois soldados me seguindo. Deviam ser a minha escolta a mando do delegado para me proteger. Ele sabia que eu não estava brincando. Mosquetinho me esperava do lado de fora. Ficou ao meu lado o tempo todo. Não vi mais Willian Grotão. Mosquetinho disse que a mulher dele mandou chamá-lo. No mínimo iria exigir que ele ficasse longe de mim. Eu sabia que agora

já não era “persona grata” aquela cidade. A cidade onde nasci à cidade que sempre amei me virava às costas.

Fui ao hotel. Tomei um banho e coloquei meu uniforme Escoteiro. Havia levado os dois, o social e o de campo. Preferi o de campo. Todos deviam saber que fui Escoteiro do Chefe Gafanhoto e o admirava mais que tudo. Tinha orgulho dele. Mosquetinho disse que seu uniforme não servia mais. - Tudo bem amigo eu disse. Telefonei para o Doutor Manga e pedi a ele que enviasse urgente para Pedra Azul um advogado da empresa e dois seguranças. Contei para ele tudo que acontecia. Que ele fizesse contato no ministério publico. Que eles viessem na Van da empresa e não se esquecessem de contar tudo ao Chefe Labrador, pois ele era promotor de justiça e poderia ajudar. O boy do hotel ouviu minha conversa. A cidade inteira sabia o teor dela meia hora depois. As janelas estavam cheias de rostos.

Fui para o Velório. O corpo do Chefe Gafanhoto ainda não tinha chegado. Sentei na porta e vi que uma turba de gente se formava em frente. A rua ficou cheia. Eu não estava nem aí. Sabia que o Chefe Gafanhoto era inocente e iria provar a todos que ele nunca foi culpado. Lembrei-me do meu amigo Pascoal Raça Pura Chefe da tropa Sênior. Esqueci que ele era um detetive dos bons. Trabalhou alguns anos para a Interpol e na Polícia Federal. Porque não fazer um convite direto a ele? Fora investigador por muitos anos e bem relacionado nos meios policiais do estado. Éramos do mesmo Grupo Escoteiro. Pedi ao Mosquetinho que fosse ao telegrafo e passasse um telegrama para ele. Um telegrama extenso. Expliquei em detalhes o que estava acontecendo. Que precisa deste favor. Se possível adiasse os casos que estava cuidando e viesse urgente para Pedra Azul. Eu assumiria todas as despesas. Sabia que ele viria. Dizem que somos irmãos no escotismo e amigos Escoteiros verdadeiros não deixam ninguém na mão. Eu e ele tínhamos uma amizade sincera. Fomos juntos ao 6º Jamboree Mundial em Moisson na França. No telegrama pedi a ele para telefonar a empresa. Um advogado e dois seguranças estavam vindo de Van. Ele podia vir junto. Notei vindo em minha direção um senhor já de idade gordinho e careca e ao seu lado outro magro de cabelos loiros. Mosquetinho me disse que era o Juiz Arquimedes e o Prefeito Muriel. Só faltava eles. Cumprimentaram-me e pediram para falar comigo em particular.

Entramos no velório. Sentamos os três em um banco de madeira. O Prefeito foi o primeiro a falar. Tentou explicar que eu estava armazenando pólvora e ela podia explodir a qualquer momento matando muita gente inocente. Quis me convencer da culpa do Chefe Gafanhoto. Sujeito desprezível eu pensei. O Juiz repetiu a mesma ladainha. Ouvi educadamente. Quando terminaram expliquei para eles calmamente que não queria confusão. Mas não ia engolir aquela história que armaram para o meu amigo. Eu acreditava piamente na inocência do Chefe Gafanhoto e eu iria provar. - E olhes senhores, continuei, os culpados irão pagar caro por tudo isto – Você sabe que ninguém virá aqui no seu velório disseram. Está gastando dinheiro à toa. Não importa disse. Farei o que ele faria por mim se estivesse vivo. Ele merece isto o que a sua cidade não deu. Não continuei. Se continuasse iria mandar eles para o inferno. Estava revoltado. O que fizeram com o Chefe Gafanhoto foi uma tremenda covardia. Ambos eram culpados, pois aceitaram o disse me disse e nem exigiram uma investigação. Eu já estava começando até a pensar que foram eles que armaram em cima do meu querido Chefe. Não ouve nenhuma

investigação. O delegado era um banana e nada fez. Casos comuns que demoram três quatro anos para julgamento com o Chefe Gafanhoto foi diferente. Três meses e o julgaram culpado. Eles se levantaram e partiram. O corpo do Chefe Gafanhoto chegou. Eu fiquei o tempo todo sentado no banco da porta do velório. Todos queriam saber quem eu era.

Ali sentado, lembrei-me uma vez em volta de um fogo na Mata do Gavião, eu e mais cinco amigos riamos a valer das piadas contadas pelo Escoteiro Murtinho Bola Murcha. Ele dizia – Olhem velório sem um grupo contando piada e sem a intromissão de um bêbado para importunar não é velório. Ele falava e ria. Gostava de uma piada um grande gozador e completava – Se quiseres conhecer pessoas verdadeiras é preciso ir aos cemitérios, mas cuidado! Jamais entre nos velórios, lá só se ouve suspiros de alívio tanto dos mortos quanto dos que choram. Kkkk. Boas lembranças de Murtinho Bola Murcha. Encontrei-o no ano passado na posse do novo Comissário Regional. Ele era Presidente de um Grupo Escoteiro e fiquei lhe devendo uma visita. Ali sentado pensava em tudo. Podia ficar pelo menos uns vinte dias em Pedra Azul mais não. Tinha muitos compromissos e esperava resolver tudo em menos tempo. Como dizia Juraci Rocha, nós matamos o tempo, mas ele assiste ao nosso velório e dá tempo ao nosso sepultamento.

Notei um buchicho entre a multidão. Muitos adultos ali foram Escoteiros comigo no passado. Agora estavam recordando de mim. Vi que alguns queriam se aproximar, mas eram puxados pela esposa ou pela noiva ou por um irmão. Uma senhora de extraordinária beleza chegou e entrou. Mosquetinho falou baixinho em meu ouvido que era Dona Lisbel. Ela e o Chefe Gafanhoto tiveram um caso no passado. Terminaram e ninguém soube de mais nada. Logo a seguir uma senhora já bem velhinha vestida de preto também entrou. Mosquetinho disse que era dona Lili. A faxineira que durante trinta anos ficou na casa dele, fazia a limpeza, lavava a roupa e cozinhava. Muitos na cidade diziam que ela era sua amante. Ninguém mais entrou. Éramos quatro a velar o corpo do Chefe Gafanhoto. Às nove da noite Dona Lisbel disse que ia sair, mas voltava. Precisava ver como estava sua mãe. Voltou duas horas depois. Após a meia noite a rua ficou vazia. Sentado na porta em um banco de madeira meus pensamentos voltavam ao passado e lembrava como fui feliz ali. Porque a cidade mudou tanto? Onde andava aquela alegria, aquele amor entre os habitantes?

Pela manhã fui atrás do padre Lourenço. Eu o conhecia e sabia que ele se lembraria de mim. Afinal fui coroinha por muitos anos e ele sempre se mostrou um amigo e admirava os Escoteiros. Olhou-me deu um sorriso e disse – Então é você que está fazendo toda esta celeuma na cidade? - Padre, não quero discutir o certo ou errado. O senhor o conheceu, sabe o que ele fez pela cidade. Eu sei que o senhor sabe de tudo. No confessionário todos contam sua vida. O Chefe Gafanhoto era católico praticante. Sei que o senhor e ele eram grandes amigos. Agora está morto. Gostaria que o senhor celebrasse uma missa no velório. – Claro que sim ele respondeu. Mesmo se não viesse um convite como você está fazendo eu nunca deixaria de fazê-lo. Que horas? – as nove padre – O enterro será às quatro da tarde. Pode deixar que as nove eu estarei lá sem falta. Depois da missa eu gostaria de uma prosa com você se tiver tempo. – Claro Padre. Ainda ficarei alguns dias em Pedra Azul.

Voltei ao Velório. As mesmas pessoas. Dona Lisbel chorava baixinho. Tentei consolá-la, mas não adiantou. Seus soluços aumentaram. Chorou por muito tempo no meu ombro. Sentamos lá dentro e ela começou a contar sua história. Sabe Chefe quem eu sou? – Balancei a cabeça. – A mãe de Santinha. A menina que disseram ele estuprou e matou. – Assustei. Olhei no fundo de seus olhos. Ela não demonstrava ódio, pelo contrário, parecia ter pelo Chefe Gafanhoto uma enorme paixão. Um amor incrível. Chefe, eu e o Chefe Gafanhoto vivemos um romance impossível de descrever de tão lindo. Nós tínhamos um amor impossível, não era um amor qualquer, pois precisávamos nos esconder. Eu estava com dezesseis anos e meu pai era um homem obstinado e nos fazia viver um sistema matriarcal que não nos deixava escolher ou decidir nada. Ele disse que eu estava destinada a casar com o Leonardo, filho do fazendeiro Zenóbio e me proibiu ver de novo o Chefe Gafanhoto. A gente se via as escondidas. Todos os sábados eu corria para o pátio do colégio para vê-lo e me esconder atrás de algumas árvores onde ele sorratamente deixava a Tropa Escoteira e vinha me abraçar. Tempos lindos Chefe. Como eu o amava. Mas um dia meu pai me seguiu e viu tudo. Ao voltar para casa ele me deu uma surra. Tirou seu cinto e me bateu até sair sangue. Minha mãe não chorou uma única vez. Acho que ela queria o que meu pai fazia. Eu não desistia do Chefe Gafanhoto. Sabe como é Chefe o amor é difícil de segurar. Um dia no final da reunião todos já tinham ido embora, eu e ele descemos o terreno da sede até o riachinho que fica bem lá em baixo. Sei que o senhor conhece. Não sei o que deu em mim. Entreguei-me a ele. Queria fazer dele o meu marido para sempre.

Eu sabia que tinha ficado grávida. Eu sorria, pois agora o teria sempre ao meu lado. Ter um filho dele seria minha redenção aqui na terra. No terceiro mês contei para minha mãe. Ela contou para o meu pai. Chamaram-me de tudo. Só não me colocaram na rua porque além de estar grávida eles eram muito católicos. Sabiam que o Padre Lourenço não iriam perdoar a eles nunca. Sem ninguém saber me levaram para o Paraná na casa do meu Avô Noraldo. Fomos de carro. Quinze horas na estrada. Meu Avô era igual meu pai. Calado me recebeu em sua casa. Nunca me dirigiu a palavra. Viúvo vivia só com uma empregada que estava com ele desde que nasceu. Dona Eugênia era uma grande pessoa. Foi uma mãe para mim, melhor do que a que tinha. Minha filha nasceu seis meses depois. Uma parteira foi chamada e não houve problemas. Até os quatro anos dela eu fiquei lá em Alvorada do Sul. Sem notícias dele e sem poder escrever uma carta parecia que meu mundo desmoronava. Foi Santinha quem me deu alento. Por causa dela não desisti de viver.

Santinha? A mesma que acusaram o Chefe Gafanhoto de estuprar e matar? Perguntei. - Ela mesma Chefe. Ela mesma. Era filha dele. Ele sabia. Quando voltei contei para ele. Meu pai havia falecido e eu vivia com minha mãe. Ela nunca gostou de Santinha. Sempre dizia que ela tinha sangue ruim. Caramba! Mas porque não disse ao delegado quando da morte dela? – ia dizer Chefe, mas minha mãe ameaçou de se matar e correu para dizer ao delegado que foi ele. – Pensei comigo que estava explicado o porquê ele a abraçava e beijava sua face acariciando seus cabelos. Era sua filha. Ninguém sabia e nem a Akelá Noêmia poderia imaginar. Mesmo assim ela devia saber do bom coração do Chefe Gafanhoto. Eu mesmo vi varias vezes ele emprestando dinheiro a ela e dizendo que não se preocupasse em pagar. Eu já tinha certeza que o Chefe Gafanhoto era inocente e alguém

estava armando para ele. Para mim seriam agora assassinos, pois não deram a ele nenhuma chance de defesa.

A missa foi linda. O Padre Lourenço comentou toda a vida do Chefe Gafanhoto. Pena que só eu, Mosquetinho, Dona Lili e Lisbel estavam presentes. Lá fora centenas de pessoas. Ninguém entrou. Ao terminar a missa o Padre Lourenço abençoou o corpo do Chefe Gafanhoto. Ficou conosco por mais algum tempo e prometeu voltar na hora do funeral. O tempo foi passando. Nem fome tive. Assim como eu os três presentes também ali ficaram. As três e quarenta e cinco da tarde seu Manolo Coveiro chegou. Disse-me que a cova estava pronta. Mandei fazer uma cruz de bronze com uma homenagem póstuma para ser colocada mais tarde em seu túmulo. Mandei escrever – Aqui jaz, o maior Chefe Escoteiro de todos os tempos! O Padre Lourenço estava conosco quando nos dirigimos ao cemitério. Eu o padre, Mosquetinho e seu Manolo levávamos o ataúde. Na porta do cemitério o Delegado Toninho e dois soldados estavam parados. Ele fez sinal para pararmos. – Chefe – eles agora me chamavam de Chefe - tenho ordens para não deixá-los entrar! – Sorri para ele. Vai nos impedir? E quem mandou delegado? Foi o prefeito? O senhor quer que eu leve o ataúde e o deixe em frente à prefeitura? Olhe que eu faço isto e o senhor sabe que não tenho medo de ninguém! – O delegado coçou o queixo. Ele estava numa sinuca. Não sabia o que fazer. Melhor não fazer nada.

Entramos. Ele não impediu. O padre Bento antes de o ataúde baixar na sepultura prestou uma linda homenagem ao Chefe Gafanhoto. Um ritual triste e alegre ao mesmo tempo. O caixão estava fechado. Havia dois dias que o Chefe tinha falecido. Não foi bem um “réquiem”. Não seria outra missa ali a ser celebrada. Ele encomendou sua alma a Deus, cantou uma linda música que não conheço, cantou o Kyrie Eleison e depois algumas Ave Marias, e Pai nosso. Eu e Mosquetinho começamos a cantar a Canção da despedida. Um cemitério vazio, um vento frio e cortante começou a soprar. Uma chuvinha fina começou a cair. O céu continuava azul. De onde vinha a chuva? Em cima do muro do cemitério dezenas de pessoas cantavam conosco. Ao meu lado surgiu Willian Grotão, o Monitor, Alécio Piaba, o sub Monitor, Normandinho Saca Rolha o cozinheiro e muitos outros que não eram de nossa patrulha. Uma surpresa enorme! Sem o uniforme, pois agora eram homens feitos, mas com o lenço verde e amarelo do grupo no pescoço. Todos entraram na roda da Cadeia da Fraternidade. Com as mãos entrelaçadas cantamos a canção da Despedida com amor. Foi um momento sublime. Lágrimas furtivas se transformaram em suspiros, gargantas secas fazendo barulho de choro, e olhe meu amigo, foi difícil aguentar.

Os quinze Escoteiros que chegaram com seus lenços me abraçaram e disseram estar ao meu lado. Pensei em dizer que agora era tarde demais, mas ali naquele ambiente triste não era a hora de culpar alguém e eu nunca faria isto. Não sei como, mas de uma hora para a outra o cemitério ficou as escuras. Uma enorme estrela brilhante despontou no céu. Uma luz azul como um holofote a clarear o caminho parecia fazer uma ponte entre a estrela e a sepultura. Eu sabia que o Chefe Gafanhoto estava indo embora. Estava na hora. Seu espírito deve ter sofrido muito e amigos do além estavam ali para levá-lo a outros mundos. Fiquei em posição de sentido e olhei para a luz. – Fiz a saudação escoteira - Sempre Alerta meu Chefe! Que Jesus o abençoe. Eu chorava. Chorava mesmo. Os que estavam ali também fizeram o mesmo e choraram. Depois um silêncio profundo Manolo me pediu permissão para jogar a terra. Peguei a pá e joguei um pouco. Todos fizeram o

mesmo. Sai devagar junto a Lisbel e junto a Lili. Disse a ambas que estaria no Hotel da Dona Matilde por uns dez dias. Se precisassem de alguma coisa me procurassem.

- Olhei o relógio, passava da uma da manhã. O Velho Escoteiro não parava. Que história ele contava. Era demais. Nunca me contou uma assim. Interessante que a Vovó permaneceu ao seu lado sem dormir o tempo todo. Olhei para o Velho Escoteiro e ele me perguntou – estas com sono? Não Velho, minha preocupação é outra. É você – Eu? Você não me conhece. Já contei uma história que durou uma noite inteira! – Acredito Velho, não duvido, mas você era mais novo – Ele riu. Chamando-me de Velho? – Desculpe, continue, só saio daqui ao final da história. O Velho Escoteiro me olhou, deu um sorriso e continuou sua fantástica história. Verdade ou não nunca iria duvidar dele. O Velho Escoteiro sempre foi um homem de palavra. Ninguém nunca soube dele contar alguma inverdade. Eu mesmo era prova disto.

Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos. Com nossos pensamentos, fazemos o nosso mundo.
Buda

O estranho funeral do Chefe Gafanhoto.

Capítulo IV

O Velho Escoteiro se levantou esticou os braços sentou-se e continuou a história: - Durante o dia esperei a chegada dos amigos que iriam vir da capital, continuou - À noitinha a Van chegou. O Doutor Nonato um Advogado reconhecido nos meios forenses e que estava na empresa desde a época do meu pai veio me abraçar. Lá estavam também os seguranças e o Pascoal Raça Pura. Sua figura imponente, alto, magro uma espessa cabeleira negra um sorriso sempre no rosto. Ficamos por horas conversando no restaurante do hotel. Conteí tudo. Eles me encheram de perguntas. Fui dormir lá pelas duas da manhã. Acordei tarde. Já eram mais de nove horas. Os dois seguranças estavam na porta. Chamavam a atenção da molecada. Sempre de terno preto gravata e óculos escuros. Perguntei pelo Doutor Nonato e Pascal Raça Pura. – Saíram cedo me disseram. Fui até o Bar do Jofre com os seguranças atrás de mim. Procurei uma mesa na sombra do Jequitibá centenário. Jofre sentou ao meu lado. Sempre a mesma ladainha – Eu sabia que era inocente, ele disse. – Sabia como Jofre? Só porque morreu? – ele ficou sem graça e foi atender a sua freguesia.

Mosquetinho foi trabalhar. Disse-me que voltaria às cinco da tarde. Não vi nenhum movimento ou aglomeração de pessoas e até os “polícias” do Delegado sumiram. A prefeitura parecia estar fechada e nem sinal do Juiz Doutor Arquimedes. Como se diz na gíria – “estavam na moita”. O doutor Nonato apareceu no hotel já entrando às quatro da tarde. Disse-me que tinha lido todo o processo e ali só tinha furos. – Nunca vi um processo tão mal feito! Disse. O delegado só fez conjecturas e não tinha nenhuma prova cabível e não investigou nada. Fui ao Fórum e conversei com o Doutor Juiz Arquimedes ele ficou calado. Pensei comigo – Agora ele estava nu com uma mão na frente e outra atrás. –

Continuou o Doutor Nonato – Ele tentou se defender o indefensável. Vamos aguardar as diligências do Pascoal Raça Pura. Se ele descobrir alguma coisa podemos abrir um processo em tudo isto e botar uma pá de gente na cadeia. Mesmo ele estando morto vamos conseguir provar sua inocência. Dei um sorriso leve. Era tudo que queria. Engraçado, a cidade virou uma cidade fantasma. O povo sumiu. As lojas abertas e ninguém a entrar ou sair. Seria mea culpa?

Pascoal Raça Pura só apareceu no Hotel às onze da noite. Riu para mim e disse que estava tudo resolvido. Ele já tinha o criminoso, os falsos testemunhos e três da turba que chacinaram o Chefe Gafanhoto. Agora só faltava colocá-los na prisão. Olhei para ele abismado. Sabia que era um bom detetive, mas vi que era o melhor. Combinamos de logo cedo fazer uma reunião no fórum. Iriamos convidar o Juiz Doutor Arquimedes, o Advogado do Chefe Gafanhoto o Doutor Maninho, o senhor Prefeito Muriel e o Delegado Toninho. Seria a hora da verdade. Hora do tudo ou nada. – Vamos ver os culpados tentarem se defender. O Doutor Nonato ali mesmo fez uma petição convocando todos eles para uma reunião no Fórum às onze da manhã. Pediu ao Boy da portaria que fosse entregar e pegasse as assinaturas. Ele disse também que não podia prender ninguém, mas os culpados não iriam fugir. Após a reunião diria a cada um sobre as providencias que seriam tomadas. Ele já estava preparado para levar a instâncias superiores se fosse o caso e fugir não era uma boa defesa.

Dormi o sono dos justos. Fui um dos primeiros a levantar. Às dez e meia estava na porta do fórum com o Doutor Nonato, o Pascoal Raça Pura e levei comigo os dois seguranças. O Delegado Toninho chegou de cara amarrada. O mesmo aconteceu com o prefeito Muriel. O Juiz Doutor Arquimedes fingia uma calma que não existia. Entramos no fórum e em volta de uma grande mesa nos sentamos. Foi o Pascoal Raça Pura quem começou a falar. – Explicou tudo que fez no dia anterior. Todos calados. – Delegado, se o senhor tivesse feito alguma diligencia se tivesse procurado pistas o senhor teria descoberto o culpado. Acho que o senhor não cursou nenhuma academia de policia, pois as provas da inocência do Chefe Gafanhoto estavam às claras. – O Delegado Toninho fechou a cara. Ia retrucar quando o Pascoal disse para ele aguardar. Ele teria tempo para isto. Quer saber o que eu fiz delegado? Primeiro fui até o final da Rua Santa Isabel onde foi achado o corpo de Santinha e do menino Tavinho Pata Tenra. É um terreno arenoso. Apesar de centenas de pessoas passearem em volta do local onde foram achados os corpos, a prova do assassino estava lá às claras. Não foi difícil e se enviarmos para a policia técnica na capital eles irão confirmar. – Todos ficaram de olho no Pascoal Raça Pura. Quem seria o assassino? O Prefeito Muriel olhava a todos assustado. O delegado Toninho querendo esfolar o Pascoal. Só o Juiz da cidade doutor Arquimedes estava tranquilo. Achava que na condição de juiz nada iria acontecer com ele.

Notei que os meus dois seguranças chegaram acompanhados de uma mulher. Eu não conhecia. Pascoal Raça Pura a apresentou – Esta é Dona Maria das Graças, acho que vocês da cidade conhecem não? Principalmente o senhor Prefeito Muriel. – O prefeito ficou branco. Ele nunca esperava por aquilo. – Sabem quem é ela? Disse o Pascoal Raça Pura – Ela é a testemunha de tudo. Ficou calada porque lhe pagaram bem e a ameaçaram se contasse alguma coisa. Ela viu o assassino chegar com o corpo das duas crianças. Elas foram estupradas em outro local e desovadas ali no areal. Local ermo, só a casa de

Dona Maria das Graças, tarde da noite o criminoso achou que ninguém o veria. Ela devia estar dormindo. Mas não estava. Dona Maria das Graças sofre de insônia e dorme pouco a noite. – Pascoal Raça Pura copiava tudo dos livros que deve ter lido de dois famosos investigadores Sherlock Holmes e Hercule Poirot. Histórias maravilhosas. Pascoal fazia tudo como eles sempre fizeram quando solucionavam seus crimes.

- E o criminoso? Quem foi? Perguntou o delegado Toninho. Quem foi? – Calma delegado, calma. Vamos chegar lá. Alguém uma semana depois foi procurado por Dona Maria das Graças. Ela contou tudo que viu. Jurou que não foi o Chefe Gafanhoto. Mas o procurado não queria o Chefe Gafanhoto na cidade. Ele era um perigo se passasse para a oposição. Sabia que a cidade inteira adorava seu trabalho com os Escoteiros. Se ele fosse candidato seria eleito em primeiro escrutínio. Ofereceu a ela trinta mil reais para ficar calada. Dona Maria das Graças nunca vira tanto dinheiro na vida. Achou que agora ficaria rica, poderia melhorar sua casa, guardar um pouco na poupança e ter um vida bem melhor. Coitada. Recebeu dois mil reais com a promessa do saldo em dois meses. Nunca recebeu nada. Meses depois procurou de novo seu ofertante. Ele pediu desculpa e mais dois meses. O tempo passou e nada. Um dia ela recebeu a visita de um jagunço que não conhecia. Ele ameaçou-a de morte. Se ela falasse alguma coisa com alguém iria uma noite servir de comida para as formigas na chapada das Cascavéis. Ela se fechou e nunca mais comentou nada com ninguém. – O Prefeito Muriel levantou. – Para mim chega, vou embora, esta reunião é uma “palhaçada”. Vocês não tem autoridade para me forçar a ficar aqui. O Chefe Pedófilo já morreu, foi julgado culpado e agora querem desenterrar o defunto?

- Senhor prefeito, o senhor não pode sair daqui. Se sair será considerado um foragido da justiça disse o Advogado Doutor Nonato. – Por que, Disse o prefeito? Estão me acusando de alguma coisa? – Sente-se senhor Prefeito. Aguarde o final desta reunião e o senhor vai se inteirar de tudo. O Prefeito sentou a contragosto. – Pascoal Raça Pura levantou da cadeira, deu uma volta atrás da mesa e olhou para o Delegado Toninho – Sabe Delegado, já disse que o senhor como delegado é um “zero” à esquerda. Desculpe, sem ofensas. Mas aceitou tudo mesmo desconfiando que algum estivéssemos errado. Sei que não mancomunou com ninguém. De todos aqui o senhor foi um inocente útil. Mas tem culpa por não investigar. Não precisava o senhor ser um perito nisto, mas como delegado era sua obrigação. Condenou sem provas em um inquérito policial fajuto o Chefe Gafanhoto. Nem pensou que ele poderia ser inocente. Já avisamos a corregedoria sobre o senhor. Será chamado a capital e exonerado. Dê graças a Deus por não participar da quadrilha. – O Delegado Toninho abaixou a cabeça e não disse mais nada. Ele se sentia culpado. Sabia que havia uma trama para condenar o Chefe Gafanhoto. Mas agora era tarde demais para arrependimentos.

Um dos seguranças disse que um carro da policia do DEIC da capital tinha chegado. Atrás outro da Promotoria. Doutor Nonato sorriu. Peça a eles para entrarem. O Doutor Juiz Arquimedes ficou vermelho. O Prefeito Muriel pensou em sair correndo. Sabia que não daria certo. Seu dinheiro estava guardado em casa no cofre. Fugir sem nada seria morto em pouco tempo. – Dois detetives do DEIC entraram com um perito do IML. Logo entrou dois promotores federais. Foram recebidos pelo Advogado Nonato. Esperem um pouco porque o nosso detetive Pascoal Raça Pura está terminando de explicar sua

investigação do crime das duas crianças. – Pascoal Raça pura continuou, sabe delegado, sabe Doutor Juiz e Doutor Prefeito, os senhores sabiam que a Menina Santinha era filha do Chefe Gafanhoto. Um pai matar e estuprar a filha? Sei disto porque a avô dela contou para vocês. Como ela odiava o Chefe Gafanhoto escondeu de vocês enquanto pode e depois contou. Mesmo assim vocês não levaram em consideração.

Ouviram uma batida de madeira como se fossem passos entrando no fórum. – Sabem quem está entrando Delegado? Sabe Senhor Prefeito e Doutor Juiz Arquimedes? É o Seu Manolo o coveiro. Vocês o conhecem. Sabem o que ele fez não? Sabem sim, sempre souberam – O Juiz e o prefeito se entreolharam e não disseram nada. O delegado assustado foi pego de surpresa. – Foi fácil descobrir que ele era o estuprador e assassino de crianças. Primeiro descobri que sua perna de pau deixou marcas e sulcos profundos no terreno onde ele jogou as crianças já mortas. Eu logo deduzi que quem matou usava uma perna de pau. Pergunta daqui pergunta dali e ai e logo me contaram quem era o assassino pernetá. Muitos se enganaram quando Santinha encontrada viva balbuciou o nome do pai como a chamá-lo para ele a salvar. Como quase ninguém sabia da paternidade todos pensaram o contrário. Vocês adoraram isto. Calhou em tudo que prepararam. – Eu liguei para um amigo da Polícia Federal para ele levantar a ficha do Coveiro. Ele tinha quatro processos de molestar crianças em Juazeiro na Bahia e duas delas apareceram mortas. Para vocês um culpado útil. Ele nem sabia que vocês conheciam seus passos. Só não contavam com o linchamento. Isto foi totalmente inadequado para os planos. Poderia haver uma revolta. O medo de a imprensa descobrir e do assunto ser levado ao conhecimento da nação poderia atrapalhar seus planos.

O Velho Escoteiro parou de falar. Ficou em pé e disse que ia tomar um copo de água. Vovó se ofereceu, mas ele preferiu ir ele mesmo. Eu estava petrificado para ouvir o final, que história! O Velho Escoteiro nunca me contou uma história assim. Parecia conto policial cujo assassino só aparece no final. Ele voltou, chegou à janela e olhou para a rua. Vazia, de vez em quando um carro passava. O relógio marcava três da manhã. Para mim não importava. Ficaria ali virando a noite se precisasse claro, se ele o Velho Escoteiro pudesse aguentar. Vovó perguntou a ele se não queria continuar outro dia. Esta tarde meu Velho. Ele a olhou com carinho, acariciou seu rosto e disse que faltava pouco. Uma hora no máximo iria terminar. – Me ajeitei na poltrona. Vovó o abraçou quando ele sentou ao seu lado. Uma visão maravilhosa ver aquele casal de velhinhos abraçados após uma vida juntos. Será que um dia eu seria assim com minha esposa? Ri de mim mesmo. Ninguém é igual a ninguém. As asas para voar são diferente para os humanos.

- O Velho Escoteiro sentou e retornou a história - E para encerrar, continuou Pascoal Raça Pura, vocês queriam que tudo fosse feito sem alarde. Chamaram o Nonô Morto Vivo do Velório e ordenaram a ele que não deixasse que o Chefe Gafanhoto fosse velado lá. Isto seria bom, pois não atrairia olhares duvidosos. E pagaram a ele para liderar uma turba da cidade para matarem o Chefe Gafanhoto na Cadeia. Ele já está preso na delegacia. Vai cantar igual passarinho quem são seus amigos. Mandaram também que o Coveiro Manolo arrumasse um lugar para o Chefe Gafanhoto ficar até dar o tempo exato para enterrar. O plano era perfeito, não haveria erro. O azar de vocês foi o Mosquetinho ter avisado um antigo Escoteiro do Chefe Gafanhoto. Vocês nunca esperam por isto. A cidade em peso ficou contra o Chefe Gafanhoto. Assim quando o amigo dele foi chamado

para o enterro vocês assustaram. E olhem fico satisfeito de desvendar um plano até certo ponto perfeito que vocês planejaram. Senhor Juiz Doutor Arquimedes sua culpa foi apoiar o prefeito em tudo. Sabia o que ele fez e é uma pena que o senhor não possa ser julgado como criminoso, o senhor envergonha a nação, pois ela confiava no senhor. O Senhor prefeito é outro que não merece nenhuma compaixão.

Não havia mais o que dizer. Um dos policiais da capital prendeu o cozeiro Manolo e o colocou em uma das celas da delegacia até que os promotores da capital decidissem onde iria ficar. Ele não reagiu. Sabia que ao ser chamado no fórum coisa boa não era. Dona Maria das Graças chorou muito. Pediu perdão e eu disse a ela que não deveria pedir perdão a mim e sim a Lisbel. Mesmo assim um dos promotores disse que ela iria responder a um processo por falso testemunho.

- O prefeito Muriel também foi preso. Um dos promotores ficaria responsável para fazer o processo que ele seria acusado. O Doutor Juiz Arquimedes também foi preso em prisão domiciliar. Teve de entregar todos seus documentos e passaporte. A reunião terminou. Dei um forte abraço no meu amigo Pascoal Raça Pura. Estava orgulhoso dele. - Parabéns meu amigo, fico lhe devendo esta. Você foi formidável. Ele sorriu, e disse – Meu irmão Escoteiro, afinal somos do mesmo sangue tu e eu para que? - Pensei comigo que os seniores dele deveriam sentir orgulho do Chefe que tinham. Faço a ideia de quantas lindas atividades que eles inventam. Agradei também ao Doutor Nonato e aos dois seguranças. Disse a eles que estavam liberados para partir. Mas você não vai conosco na Van? Perguntou o Doutor Nonato. – Não eu disse. Ainda tenho alguns assuntos para resolver. Volto amanhã de ônibus. – Às três da tarde eles partiram. Voltei ao Hotel da Dona Matilde. Ora, estou no hotel e não vi a Dona Matilde? Perguntei ao recepcionista. – Ela morreu Chefe, há cinco anos. O Hotel agora pertence, ou melhor, pertencia ao Chefe Gafanhoto. Ele sempre pediu sigilo e que não disse a ninguém. Agora estou em dúvida, pois não sei para quem vai ficar ele não tinha ninguém, nenhum parente vivo. Fiquei estupefato com esta informação.

- E agora? Tinha que ter algum escrito. Chefe Gafanhoto era um homem precavido. Fui até o cartório. Algum dizia que ele deixou um testamento. Afinal ele sabia que seria morto depois que o acusaram. Dito e feito. O Tabelião disse que ele deixou um testamento deixando uma pequena fortuna no banco, sua casa e o Hotel para sua amada Lisbel. Gostei em saber. Perguntei na portaria do hotel se sabiam onde ela morava. Era perto. Ela estava na varanda tecendo um cachecol azul e quase terminando. – Bem vindo Chefe. Eu esperava sua visita. Sabia que viria me contar tudo que aconteceu. Sentei em uma cadeira de palhinha e contei tudo para ela. Ouviu-me atentamente do começo ao fim. Quando disse que o Chefe Gafanhoto fez um testamento e deixou tudo para ela foi uma choradeira geral. De dentro da casa surgiu Dona Lili. – Chefe, a dona Lisbel me convidou para morar com ela. Aceitei sem pestanejar. Eu a ajudo na casa e com sua mãe que sofreu derrame. Tomei um cafezinho e parti. Era mais de cinco da tarde. Passei no Velório e pedi a conta ao irmão do Nonô Morto Vivo que ficou como responsável. Ele já estava preso e eu sabia que seria por pouco tempo. O irmão me pediu desculpas e disse que não era nada. Não aceitei. Tinha feito um cheque de três mil e quinhentos reais para ele. Paguei e fui embora. Pensei em pegar o ônibus das seis da tarde, mas precisava conversar com

Mosquetinho. Ia convidá-lo para ir embora comigo. Daria a ele um bom emprego na minha construtora.

Ele chegou por volta de sete da noite. O chamei para almoçar comigo no restaurante do hotel. Conversamos muito. – Escriba Risonho, muito obrigado pelo convite. Honrado por você ter se lembrado de mim, mas prefiro ficar aqui. Você sabe, aqui nasci e acho que aqui morrerei. E pode acreditar que eu tenho um novo “cacho” que vai dar casamento. – Surpreendentemente surgiu no hotel o Willian Grotão, o Adalberto Cabeludo, e mais dois que não lembrava o nome. Sentaram e me contaram as novidades. Eles iriam reabrir o Grupo Escoteiro Sol Nascente. Na promessa dos novos faziam questão da minha presença. Eram mais de oito antigos Escoteiros que assumiram a responsabilidade de participarem como chefes no Grupo. Fiquei muito feliz com a notícia. Meu grupo onde nasci não podia terminar assim. – Olhe farei tudo para vir - disse. Não posso prometer minha empresa nem sempre me da folga. Mas farei o possível para estar com vocês. Depois de algum tempo eles foram embora. Dormi cedo. Um sono dos justos. Estava doido para voltar a minha casa e da minha e rever minha noiva a Vovó querida.

No dia seguinte arrumei minha mala, fui me despedir de Lisbel, deixar com ela meu endereço e ficar a disposição se ela precisasse. Disse a ela que minha casa a receberia em qualquer tempo. Ela me disse que queria me dar um presente. O cachecol azul de lã está comigo até hoje. Passei na casa de Mosquetinho e deixei uma carta de despedida para ele. Junto um cheque onde disse que era para ele comprar um uniforme novo. Fazia questão. A pé dei uma volta na praça, sentei em um banco e vi a meninada correndo na chegada do ônibus. Tempos bons para eles e tempos bons para aqueles que tinham muito que lembrar. As cinco já com minha mala e após despedir de todos no hotel fui para o bar do Jofre. O Águia Prateado da Cometa já estava encostado. Era o mesmo quando cheguei. Notei uma multidão se aproximando. Eram muitos. O que queriam? Fiquei com medo. O que eu fiz? Fizeram um círculo em volta de mim. Deram uma salva de palma e gritaram – Viva o Escriba Risonho. Fiquei emocionado. O Vice Prefeito que assumiu me trouxe as chaves da cidade. - Você sempre será bem vindo aqui. Graças a você aprendemos uma lição de não julgar uma pessoa pelas aparências. Nós todos amávamos muito ao Chefe Gafanhoto. – Chefe estamos envergonhados por tudo. Ele vai fazer uma enorme falta.

O motorista gritou – Todos a bordo! Peguei minha maleta e subi os degraus. O motorista era nada mais nada menos que o Willian Grotão, meu Monitor. Bem vindo a bordo meu amigo Escriba Risonho. Sorri para ele. Sabia que estava em boas mãos. Poderia viajar tranquilo. O Águia Prateado da Cometa engolia a estrada BR-240. Na janela eu olhava a paisagem velhas conhecidas. Olhei para o céu e uma lua enorme surgiu. Dormi sonhando com o Chefe Gafanhoto. Ele me dizia o quanto estava agradecido. Deu-me um Sempre Alerta e foi embora em um cometa brilhante a grande velocidade. Não sei para qual quadrante do céu ele foi. Acordei já dia claro chegando à minha cidade.

O Velho Escoteiro se calou. – Acabou? Perguntei. – Quer mais? Um dia te conto outra e riu a valer. Vovó me deu boa noite e subiu para seu quarto. O Velho Escoteiro me olhou e disse – Não desconfia? Já passam das quatro da manhã e quero dormir. Olhei no relógio e ele estava com razão. Levantei dei um sinal de alerta e fui embora. No carro o

Chefe Gafanhoto não saia da minha mente. Fiquei pensando se algum dia teria uma história assim para contar. Dizem que todos teremos no futuro quando nossos cabelos ficarem brancos, quando andarmos claudicando e aí sim iremos lembrar-nos delas como se fossem únicas. Será? Uma história como esta do Velho Escoteiro eu sei que nunca vou ter. Mas cada um vive como pode ou será como quer?

Ele disse ao outro: Segue-me; e o outro respondeu: Senhor consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai. - Jesus lhe retrucou: Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus.

FIM